

## Departamento de Letras

### PAUL TEYSSIER E O TEATRO DE CAMÕES

*Leodegário A. de Azevedo Filho (ABF/UERJ/UFRJ)*

Publico este breve ensaio em homenagem à memória de Paul Teyssier, nascido no dia 12 de dezembro de 1915 e falecido no dia 10 de janeiro de 2002, com 87 anos, em sua casa de Meudon, nos arredores de Paris. Com isso, e na condição de presidente da Academia Brasileira de Filologia, de que ele foi Membro Honorário, quero associar o Brasil às homenagens póstumas que lhe foram prestadas na Europa, sobretudo Portugal e França, pois aqui também os seus amigos mandaram celebrar missa em sua memória, na Igreja Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, Rio de Janeiro. Sobre a importância filológica de sua extraordinária obra dedicada aos estudos de língua portuguesa e literaturas em língua de Camões, basta lembrar os ensaios críticos e exegéticos publicados no volume XXIII dos *Arquivos do Centro Cultural Português*, em 1987, com mais de mil páginas, onde tive a honra de colaborar com um artigo sobre “As formas lingüísticas nos sonetos de Camões”, merecendo dele uma carta extremamente amável e em que o grande Mestre da Sorbonne se declara convencido de que a lírica de Camões (e também o teatro camoniano), ambos os gêneros só podem ter edições críticas devidamente preparadas à luz das lições dos manuscritos da época. E disso deu prova cabal em sua magnífica conferência sobre “As duas versões do Auto de Filodemo”, proferida na *V Reunião Internacional de Camonistas*, realizada em São Paulo, em julho de 1987, com *Actas* publicadas em 1992.

Sobre o teatro de Camões, matéria pela qual tanto se interessou o saudoso autor de *La langue de Gil Vicente*, tese principal de Doutorado de Estado, publicada em Paris, pela Klincksieck, em 1959, e que terá agora edição póstuma por ele revista, sobre o teatro camoniano, no conjunto da obra do Poeta, bem se sabe que ele foi uma atividade mais ou menos marginal. Dois de seus *autos*, ambos revelando herança vicentina, foram escritos para colaborar em festas de homenagem, como o *Filodemo*, ou festa de simples diversão, em um só ato, como *El-Rei Seleuco*. A essas duas peças acrescentam-se *Os Anfitriões*, sob a inspiração de Plauto. Os textos de *Anfitriões* e *Filodemo* foram impressos e publicados, pela primeira vez, no livro *Primeira parte dos autos e comédias portuguesas*, obra organizada

## Faculdade de Formação de Professores

por Afonso Lopes, Lisboa, 1587, ou seja, sete anos após a morte de Camões. Da obra citada se fez uma edição fac-similada com prefácio de Hernâni Cidade e erudita nota bibliográfica de José V. de Pina Martins, Lisboa, 1973. O texto de *El-Rei Seleuco* foi publicado, pela primeira vez, em 1645, no livro *Rimas de Luís de Camões. Primeira parte. Agora novamente emendadas nesta última impressão e acrescentada na comédia nunca até agora impressa*. Lisboa, Oficina de Paulo Craesbeeck e à sua custa. Observe-se bem a expressão “novamente emendadas”, expressão que não confere ao texto qualquer garantia de fidelidade ao perdido autógrafo. Informe-se ainda que há uma edição separada dos *Autos*, feita por Marques Braga: *Luís de Camões, Autos*, 1928. Há também as conhecidas edições de Augusto C. Pires de Lima e de Francisco Vieira de Almeida. Importante ainda o ensaio de Luís Francisco Rebello, intitulado *Variações sobre o teatro de Camões*. Lisboa, Caminho, 1980, entre outros estudos.

Em 1944, a primeira edição da obra camoniana organizada por A. J. da Costa Pimpão reproduz os autos e as cartas, que já não aparecem nas edições posteriores de 1953, 1973 e 1994. Hernâni Cidade também editou o teatro camoniano em *Obras completas, de Luís de Camões*. (1946), na coleção de Clássicos Sá da Costa, em Lisboa. Antônio Salgado Júnior fez o mesmo, em sua edição da *Obra completa, de Luís de Camões*. (Rio de Janeiro, Aguilar, 1963).

Do ponto de vista da crítica textual, sem desconhecer o trabalho de ilustres estudiosos da obra impressa de Camões, no que se refere ao teatro camoniano, quase tudo está ainda por fazer. O caminho há de ser o mesmo já traçado para a obra lírica: retorno, sempre que possível, aos manuscritos da época para o indispensável confronto de suas lições com as leituras propostas (e incrivelmente emendadas!) pela tradição impressa multissecular, sempre em busca de um texto que se aproxime, tanto quanto possível, dos originais perdidos. Por certo, o caminho aqui será mais curto que o da poesia lírica, já que as atribuições de autoria camoniana para os três *Autos* aqui citados são incontestáveis. Portanto, marginalizada a inexistente questão de crítica de autoria, restará a difícil etapa de estabelecimento crítico dos textos com a mesma metodologia adotada para a obra lírica, segundo nossa edição da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, de Lisboa.

A propósito do teatro camoniano, de novo, convém citar aqui

## Departamento de Letras

a conferência proferida pelo professor Paul Teyssier na V Reunião Internacional de Camonistas, realizada em São Paulo, de 20 a 24 de julho de 1987, com *Actas* publicadas em 1992. Com o título de “As duas versões do *Auto de Filodemo*”, o ilustre lusitanista declara, na p. 420: “...que a versão manuscrita deve, logicamente, ser mais fiel ao arquétipo do que a versão impressa.” Como é sabido, o citado *Auto*, de autoria camoniana incontroversa, apresenta duas versões bem diferentes: uma manuscrita em texto apógrafo, que figura no *Cancioneiro de Luís Franco Corrêa* (1557-1589), de que há uma edição fac-similada (Lisboa, 1972); e outra no texto publicado em 1587 (sete anos após a morte de Camões) no volume intitulado *Primeira parte dos autos e comédias portuguesas feitas por Antônio Prestes e por Luís de Camões e por outros autores* (Lisboa, 1587), de que também há uma edição fac-similada (Lisboa, 1973). No *Cancioneiro de Luís Franco Corrêa*, o texto vem precedido da seguinte indicação: “Comédia feita por Luís de Camões, representada na Índia a Francisco Barreto.” Admite-se que o Poeta tenha chegado à Índia no ano de 1553, sendo certo que Francisco Barreto aí foi Governador de 16 de junho de 1555 a 20 de janeiro de 1559. Por isso, o professor Paul Teyssier sugere, como hipótese mais verossímil, que o *Auto de Filodemo* tenha sido representado em Goa, no ano de 1555, por ocasião dos festejos comemorativos da chegada do novo Governador, ou seja: cinco anos antes da morte de Camões. A versão manuscrita, em texto apógrafo, a ser exata a informação que se lê na portada do *Cancioneiro de Luís Franco Corrêa*, foi “tresladada de papéis” com a letra do Poeta. Em 1587, já morto Camões (1580), aparece a versão impressa acima referida; e isso com a observação de que os “autos e comédias”, agora impressos, foram juntos e emendados por Afonso Lopez, moço da Capela de sua Majestade e a sua custa. A nota declara que o texto foi emendado por seus editores, não em papéis deixados por Camões. Além disso, o texto também passou pela censura religiosa, sendo um dos censores o Frei Bartolomeu Ferreira, que julgou nada haver na peça “contra a fé e bons costumes”. E daí se conclui que o texto diretamente copiado de um autógrafo camoniano por Luís Franco Corrêa, conforme se lê na portada do *Cancioneiro*, só ele pode ser o texto-base, já que o original (autógrafo) se perdeu. As suas lições, é claro, devem ser confrontadas com as leituras propostas pelo texto impresso e “emendado” por Afonso Lopez, “moço da Capela de sua Majestade”, visivelmente sem qualquer preparo filo-

## Faculdade de Formação de Professores

lógico para tarefa tão delicada. A despeito disso, toda a tradição impressa, até hoje, liga-se à versão publicada em 1587, como se ela fosse digna de fé.

O professor Paul Teyssier submeteu os dois textos a um cotejo minucioso, examinando as variantes de **B** (texto impresso em 1587) em face das lições de **A** (texto manuscrito por Luís Franco Corrêa). E o fez em função de várias categorias, algumas inquestionáveis e outras, ele bem o sabia, discutíveis. Eis as citadas categorias: a) Variantes não significativas; b) Variantes de línguas que podem ser significativas; c) O testemunho **B** retifica certos erros de **A** explicáveis pelo descuido do copista; d) Certas variantes de **B** edulcoram o texto de **A** por motivos religiosos e morais; e) A comparação de **A** com **B** permite restituir o arquétipo; f) Diferenças de interpretação difícil; e g) Duas cenas em que as diferenças entre **A** e **B** são particularmente significativas.

A nosso ver, a contribuição do professor Paul Teyssier é muito importante, no que estamos todos de acordo. Mas, com o propósito de ser útil, e a seu pedido, fizemos ao Mestre alguns pequenos reparos, em função da metodologia por nós próprios adotada em nossa edição da *Lírica de Camões*. Do nosso ponto de vista, se a crítica é reconstitutiva, o arquétipo deve interpor-se entre o original perdido e a tradição ou transmissão do texto por via manuscrita (apógrafo) ou impressa. Para o Mestre da Sorbonne, arquétipo “é o texto escrito pelo autor”. (p. 427). No caso, ao que pensamos, o arquétipo, tanto quanto possível, irá aproximar-se do autógrafo ou original perdido, mas não se confunde com ele. Por isso, parece-nos desaconselhável identificar, de pronto, “o arquétipo com o texto escrito pelo autor.” E, por mais rigor que se adote, não se pode garantir que a reconstituição do arquétipo seja exatamente igual ao original perdido. Na melhor das hipóteses, estará próximo dele, mas só isso. E o grande Mestre aceitou a minha sugestão, com admirável nobreza.

Em seguida, pela ordem acima dada, vejamos outros pequenos reparos:

- a) Entre as chamadas variantes não significativas, há apenas variantes gráficas e não lingüísticas. No caso, desde que se estabeleçam normas de transcrição textual, “as variantes não significativas” naturalmente vão desaparecer;

## Departamento de Letras

- b) A nosso ver, todas as variantes de língua são significativas e devem ser analisadas à luz do **usus scribendi** do Poeta, a partir do testemunho da língua de *Os Lusíadas*, obra publicada em vida de Camões e com ele presente;
- c) Será aceitável que uma emenda conjectural possa “retificar certos erros de **A** explicáveis pelo descuido do copista.” No caso, o editor atual do texto poderá concordar ou não com tais emendas propostas por **B**, sobretudo aquelas que decorrem de “certos erros de **A** claramente explicáveis pelo descuido do copista.” Mas não se deve emendar o texto de **A** com base no texto declaradamente emendado de **B**, pois tais emendas não foram feitas por Camões;
- d) Precisa e feliz a observação de que, por motivos religiosos ou morais, certas variantes de **B** – que devem ser recusadas, é claro – suavizam ou abrandam o texto de **A**. Como é evidente, aqui o texto de **A** não pode ser alterado em nenhuma hipótese;
- e) Acreditamos que a comparação de **A** com **B** possa ajudar na construção do arquétipo, entendido este como elemento interposto entre o perdido autógrafo do Poeta e a tradição manuscrita e impressa do texto e não como o próprio texto de Camões;
- f) Tais diferenças de interpretação realmente existem. Em relação a elas, caberá ao editor moderno recorrer à teoria da decisão ecdótica, com base em seu juízo crítico (**iudicium**);
- g) No texto de Paul Teyssier, são bem escolhidas as duas cenas em que as diferenças entre **A** e **B** são particularmente significativas, como se pode ver nas páginas 433-436 do texto, em análise que assim termina:

A comparação dos dois textos convenceu-nos da superioridade de A. Uma edição crítica do *Auto de Filodemo* deverá portanto basear-se em A. Quando a análise crítica o permitir corrigir-se-á A por B e B por A, tentando mesmo de vez em quando restituir o arquétipo deturpado tanto em A como em B. E veremos assim ressurgir o *Auto de Filodemo* num texto muito mais autêntico que há de revelar um lado da arte camoniana que ficou em grande parte escondido durante quatro séculos. A elaboração dessa edição crítica é, a nosso ver, uma tarefa urgente. (op. cit. p. 436).

## Faculdade de Formação de Professores

Concordamos plenamente com a observação de que a comparação entre os dois textos claramente indica a superioridade de **A** sobre **B**, devendo **A** ser escolhido como texto-base numa edição crítica do *Auto do Filodemo*. Como é sabido, no que se refere à poesia lírica, o princípio geral por nós adotado é o da apuração dos textos à luz da tradição manuscrita, sempre em confronto com a dupla ramificação da tradição impressa (a que vem de RH-RI e a que vem de FS), ao contrário do procedimento até aqui adotado pelos demais editores do texto camoniano, que dão sempre primazia à tradição impressa, esquecidos de que esta decorre daquela. Daí a nossa alegria em vermos que um Mestre da altíssima qualificação universitária de Paul Teyssier, ao tratar dos autos camonianos, concordou com o ponto metodológico básico por nós proposto para a poesia lírica. Mas, por motivos aqui aduzidos, não aceitamos que se corrija pacificamente **A** por **B**, embora o editor moderno do texto possa concordar, criticamente, com algumas emendas conjecturais propostas por **B** em relação a **A**. É muito discutível emendar-se o texto apógrafo manuscrito com leituras de uma tradição impressa declaradamente emendada ou “aperfeiçoada” pelo editor. É claro que a cópia manuscrita (o apógrafo) pode apresentar manifestos erros ou lapsos de transcrição, cabendo então ao editor do texto, com base nos princípios teóricos da crítica textual, tentar corrigir tais erros, após análise crítica minuciosa e centrada, entre outros elementos, no **usus scribendi** do autor e da época. Mas é sempre muito perigoso corrigir o texto manuscrito por um texto impresso, declaradamente emendado ou “aperfeiçoado” pelo editor.

Por fim, diga-se que a conclusão de Paul Teyssier é digna de imenso aplauso: é urgente a elaboração de edições críticas baseadas nas lições da tradição manuscrita em confronto direto e crítico com as leituras encontradas na tradição impressa. E o que se defende para o *Auto do Filodemo* é o que, igualmente, deve ser aplicado ao resto de sua obra. Por isso mesmo, de início, aqui afirmamos que, sem qualquer menosprezo dos trabalhos desenvolvidos por editores do passado, quase tudo está ainda por fazer, no que se refere à edição crítica dos autos camonianos. Tanto assim que o texto de *Anfitriões*, inspirado em Plauto, se encontra num caso mais ou menos idêntico ao do *Auto de Filodemo*, pois ambos foram impressos, pela primeira vez, na citada edição de 1587. O texto de *El-Rei Seleuco* foi impres-

## Departamento de Letras

so na publicação que da obra camoniana fez Paulo Craesbeck em 1644-1645, aparecendo exatamente no segundo tomo da citada obra, em 1645. De seu conteúdo consta que foi representado em Lisboa, em casa do cavaleiro-fidalgo Estácio da Fonseca, reposteiro de D. João III. Acrescente-se que o *Auto del-Rei Seleuco* remete ao episódio, contado por Plutarco, sobre a paixão de Antíoco por Estratônica, mulher del-Rei Seleuco, seu pai. Em suma, os três *Autos* aqui mencionados são de autoria camoniana incontroversa. Portanto, quanto à questão autoral, não há qualquer dúvida. Sendo assim, o critério do duplo testemunho quinhentista incontroverso adotado para a poesia lírica de Camões aqui não se aplica. Mas as questões de crítica textual são delicadas, como acabamos de ver.

E só nos resta, nesta comovida homenagem ao Mestre Paul Teyssier, registrar a bondade e a isenção com que aceitou alguns de nossos pequenos reparos, feitos a seu pedido. Os grandes Mestres agem assim.